
Ruínas da história brasileira num poema de Antônio Botto

Ruins of brazilian history in a poem by Antônio Botto

Oscar José de Paula Neto

Universidade Federal Fluminense

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2024.n52a1297>

RESUMO

A partir da paisagem e dos monumentos do Largo da Liberdade, em São Paulo, como a Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados e a estátua do Regente Diogo Antônio Feijó, Antônio Botto reflete sobre a história brasileira, destacando as violências e as injustiças que ficaram inscritas naquele espaço público. Assim, as três versões de um mesmo poema, reescrito durante a primeira metade da década de 1950, publicadas primeiro na imprensa e, finalmente, na versão final em *Fátima – Poema do Mundo* (1955), com o título de “Cântico da Alma Brasileira”, remetem ao passado do Brasil, bem como apontam caminhos para a compreensão do presente e a possibilidade otimista e ufanista do futuro do país. É importante destacar que as versões do poema afirmam os recentes interesses literários que o escritor buscava juntar à sua produção poética desde a década anterior, sobretudo os interesses sociais, políticos e religiosos, entrelaçados nos três textos de maneira exemplar, como em parte considerável de sua produção tardia. Desse modo, de acordo com a noção de “lugares de memória” do historiador francês Pierre Nora (1993), analisamos como Botto, mediante seu olhar de poeta estrangeiro, avalia alguns dos processos de construção da memória social coletiva do Brasil, ao buscar representar acontecimentos históricos relegados ao esquecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia Portuguesa; Relações Luso-Brasileiras; Paisagem; Memória; História do Brasil.

ABSTRACT

Based on the landscape and monuments of Largo da Liberdade in São Paulo, such as the Santa Cruz das Almas dos Enforcados Church and the statue of Regent Diogo António Feijó, António Botto reflects on Brazilian history, highlighting the violence and injustices that were inscribed in that public space. Thus, the three versions of the same poem, rewritten during the first half of the 1950s, published first in the press, and finally in the final version in *Fátima - Poema do Mundo* (1955), with the title “Cântico da Alma Brasileira” (Song of the Brazilian Soul), refer to Brazil’s past, as well as pointing to ways of understanding the present and the optimistic and utopian possibility of the country’s future. It’s important to note that the different versions of the poem indicate the recent literary interests that the writer had been trying to add to his poetic production since the previous decade, above all social, political and religious interests, interwoven in the three texts in an exemplary way, as in a considerable part of his later production. Thus, in accordance with the notion of “places of memory” by the French historian Pierre Nora (1993), we seek to analyze how Botto, through his gaze as a foreign poet, evaluates some of the processes of constructing Brazil’s collective social memory, by seeking to represent some historical events relegated to oblivion.

KEYWORDS: Portuguese Poetry; Luso-Brazilian Relations; Landscape; Memory; Brazilian History.

Hoje, ao caminhar pelo Praça da Liberdade, bem como nas ruas adjacentes, no bairro homônimo localizado na zona central de São Paulo, podemos encontrar inúmeras referências à cultura do Japão. Lojas de produtos asiáticos, restaurantes temáticos, ideogramas assinalados em placas e letreiros, fachadas de estabelecimentos comerciais que remetem aos templos japoneses, postes customizados com signos nipônicos e monumentos que festejam as efemérides da imigração do povo japonês estão alastrados por todos os lados. Por consequência, a maciça presença cultural japonesa foi responsável pela mudança de nome da localidade para Praça Japão-Liberdade

em 2018¹, em razão da comemoração dos 110 anos da imigração dos japoneses para o Brasil, por meio da Lei nº 16.960/2018.

Cabe ressaltar que o processo de orientalização do bairro foi colocada em prática a partir do final da década de 1960, afirmando o espaço como tipicamente oriental. Em *Liberdade*, volume da coleção “História dos Bairros Paulistanos”, do Departamento da Secretaria Municipal de Cultura da Cidade de São Paulo, publicado em 1979, a historiadora Laís Guimarães descreve a abrupta transformação da área mediante os interesses turísticos impingidos alguns anos antes:

mediante a cobertura da Secretaria de Turismo, uma vez retirados os tapumes e materiais de construção da linha metroviária, as luminárias a vapor de mercúrio existentes seriam substituídas por lanternas de estilo oriental, que os japoneses qualificam de ‘tiotin’, e elaboradas por artistas dessa comunidade. São lanternas grandes, com 50 centímetro de altura e 20 centímetros de diâmetro, que foram colocadas a partir da Rua Galvão Bueno, considerada a espinha dorsal do bairro oriental. Planejou-se, a seguir, a caracterização do tradicional bairro da Liberdade em bairro tipicamente oriental, cogitando-se da substituição das calçadas de cimento, por passeios de azulejos decorados com motivos chineses e japoneses. As fachadas dos prédios deviam ser reformadas e pintadas à maneira dos edifícios orientais, ao mesmo tempo que os luminosos dos estabelecimentos comerciais, seriam nomeados na sua língua de origem, com a respectiva tradução ao lado (Guimarães, 1979, p. 92).

Inicialmente, o projeto de lei de renomeação da praça em 2018 foi vetado pelo prefeito de São Paulo, defendendo a permanência apenas do nome “Liberdade”, sob a justificativa de o bairro se consti-

¹ Cf. Machado (2018).

tuir em bases pluriétnicas e ter havido a notória dissolução da concentração de japoneses e nipo-descendentes nas últimas décadas. O veto denotava que a ênfase da palavra “Japão” para a localidade traria uma visão generalizante divergente da real configuração do bairro da Liberdade, que é plural e variado em todas as formas de expressão cultural, ainda que não esteja no foco da imagem vendida pelo turismo, centralizado no território do comércio e do exotismo oriental. Sendo assim, a medida de renomeação do lugar colaboraria com o apagamento da outra parte do mesmo lugar, que não conta com o mesmo destaque midiático ou comercial da cultura asiática (Souza, 2020, p. 35-36).

Consequentemente, a alteração de nomes foi criticada por alguns segmentos sociais que acusavam a ocultação da história e da memória da população negra na região, bem anterior à ocupação japonesa, com evidências históricas que remontam desde o século XVIII. Além de marcos de memória, o local também abriga sítios arqueológicos e patrimônios arquitetônicos associados à diáspora africana e à história negra da capital paulista. Por isso, em junho de 2023², após inúmeras manifestações, num curto período de cinco anos, foi aprovada uma nova mudança de nome do lugar para Praça Liberdade-África-Japão, na tentativa de resgatar o passado negro da localidade, hoje majoritariamente associado aos imigrantes japoneses, numa clara ação de ocultamento das histórias menos comercializáveis do bairro. No intuito de resgatar a presença da população afrodescendente no local, diversas ações foram realizadas nos últimos anos, como a instalação da estátua da sambista e ativista do movimento negro Madrinha Eunice na mesma praça, parte do projeto do Departamento

² Cf. Educação e Território (2023).

de Patrimônio Histórico (DPH), da Secretaria Municipal de Cultura, que homenageia personalidades negras da cultura paulistana³.

Assim, é importante ressaltar que a Liberdade oriental é uma das múltiplas camadas da história daquele território, cujo processo de gentrificação tornou-a praticamente a única reconhecida, instituindo uma nova e homogênea identidade ao bairro (Paiva, 2020, p. 2). Segundo o historiador Nicolau Sevcenko (2004, p. 22), a questão de fundo na polêmica disputa sobre a memória e história do bairro é que vários grupos se fixaram naquela porção da cidade desde ao menos o século XVIII. Índios, negros escravizados, libertos, pobres de todos os matizes e estrangeiros protestantes foram expoentes em maior ou menor grau da pluralidade social que formaram a região. Ao longo do século XX, foi a vez de diversas populações árabes e europeias, como italianos e portugueses, além de outros povos asiáticos, como os chineses e sul-coreanos, e, nos últimos anos, a migração maciça de latino-americanos darem novas feições àquela parte da cidade. A rápida transformação demográfica do bairro, num acelerado processo em poucas décadas, foi bem sintetizada por Laís Guimarães:

o antigo e a tradição nacional se diluem na medida em que mais orientais se instalam no bairro, numa total confusão de cores, estilos e linguagem, que constitui a atual cenografia urbana do bairro da Liberdade, que ainda como ontem, apresenta os mesmos quarteirões compridos de outrora, os mesmos becos sombrios, as mesmas vilas de casas sem nenhum relvado e de parco arvoredo, hoje habitadas por uma comunidade de falar e gostos estranhos, de hábitos tão diferenciados dos que ali imperavam antigamente: a banda de música dos ‘Bursaglieri’, os italianos peixeiros, cantando pelas ruas o amor pelo ‘Palestra Itália’ (Guimarães, 1979, p. 89).

³ Cf. Agência Brasil (2022).

Num olhar mais atento, emergem naquele ambiente indícios que cismam em destoar dos signos orientais hoje abundantes. Patrimônios arquitetônicos como a Igreja da Santa Cruz das Almas dos Enforcados e a Igreja dos Aflitos, hoje, praticamente estão soterrados pelas fachadas e monumentos asiáticos mais numerosos que passaram a proliferar nas décadas de 1960 e 1970. Tais indícios são remanescentes das histórias que se desenvolveram naquele território, testemunhos que sobreviveram ao tempo; resquícios da existência de vividos, sociabilidades, instituições e dinâmicas culturais de outras temporalidades que, apesar das tentativas de apagamento, resistem enquanto ruínas de um passado pouco conhecido (Paiva, 2020, p. 4-5). Como nos lembra o historiador Pierre Nora, a vida, sempre carregada por grupos vivos, está em permanente evolução, aberta a transformações, marcada pela dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de repentinas revitalizações, conforme os interesses contemporâneos. Afinal, os lugares de memória são, antes de tudo, restos, marcos testemunhais de outras eras, reunidos sob os tempos sobrepostos que os perpassam (Nora, 1993, p. 13).

Assim, é essencial afirmar que a cidade contemporânea é palco de disputas e de reivindicações, de jogos de interesses e de relações de poder intimamente interligadas com as novas dinâmicas sociais, culturais e políticas que fazem com que ela esteja em permanente modificação. Porém, na cidade do presente, há uma série de “cidades submersas”, reveladoras de continuidades e de ausências, bem como da dimensão destrutiva, ruínosa e transformadora do tempo. É sobre isso que iremos nos deter, a partir de um poema, e de suas reescritas, do poeta português António Botto, escrito durante o curto período em que ele viveu em São Paulo. De certo modo, o olhar do poeta descortina as camadas do vivido daquela paisagem urbana, re-

fletindo sobre a cidade erigida durante o processo de modernização na primeira metade do século XX, mediante o ocultamento de seu passado colonial e escravocrata, eivado de violências e de diversas opressões contra grupos minoritários. É sobre essa Liberdade “submersa”, estendida à metonímia do Brasil, que Botto irá lançar o seu olhar estrangeiro, a partir do qual vai tentar ler a história brasileira subentendida nos fragmentos, rasuras e vazios que sobreviveram ao constante jogo de lembranças e esquecimentos.

Devido ao esgotamento da sua carreira literária em Portugal, o poeta desembarca no Brasil, em agosto de 1947, em busca de novas oportunidades profissionais. Após um breve período de adaptação no Rio de Janeiro, marcado por recitais, apresentações e coquetéis na presença de algumas das mais proeminentes figuras da cena literária e cultural da capital federal, no final daquele mesmo ano, o poeta migra para São Paulo, cidade onde atuaria em diversas atividades, tais como apresentador de programas radiofônicos, conferencista e jornalista, além de publicar contos e poemas inéditos em diversos periódicos brasileiros e portugueses. Apesar de os primeiros anos na capital paulista terem sido produtivos para Botto, logo o escritor deparou-se com adversidades que tornaram a sua experiência uma ação desastrosa, como as dificuldades financeiras e a prisão por falta de pagamento nas contas do hotel em que esteve hospedado, obrigando-o a retornar ao Rio em 1951, onde permaneceu até a sua morte em 1959.

Dentre os muitos poemas publicados na imprensa, “Brasil”, de 1950, até a última versão dele, intitulada de “Cântico da Alma Brasileira”, editado na obra católica *Fátima – Poema do Mundo*, de 1955, foi um dos mais notórios escritos no período brasileiro de Botto. O poema ainda surgiu numa outra versão em 1953, nomeada de “Poema do Brasil”, publicado na revista *Ilustração Brasileira*, um dos periódicos em que o autor contribuiu de forma mais assídua duran-

te sua estadia no país. A versão de 1955, inclusive, foi um dos últimos instantes de sucesso do poeta antes do seu evidente ostracismo, quando ele teve a oportunidade de declamar em programas de rádio, em eventos com políticos e intelectuais brasileiros, e na ocasião do 36º Congresso Eucarístico Internacional realizado naquele ano na cidade do Rio de Janeiro. O poema, ao passo de suas modificações, foi deixando mais nítida a dimensão religiosa, possivelmente em decorrência dos ganhos e interesses que Botto tentava almejar com o eventual destaque alcançado pelo texto, assim como revelava a tentativa do autor de confirmar seus interesses literários tardios, afirmando sua atuação de poeta católico, aspecto que buscava imprimir naquele instante. Por outro lado, o poema foi tornando-se também mais laudatório e ufanista a cada versão, extrapolando a paisagem paulistana para adentrar em reflexão mais abrangente, que desse conta da história do país como um todo.

Sendo assim, cabe atentarmos a “Brasil”, publicado no suplemento literário do jornal carioca *A Manhã* em 1950, acompanhado de uma rica ilustração de Nelson Nóbrega⁴, em que o artista destaca elementos importantes presentes no poema de Botto, como a forca, a cruz e as velas, símbolos da religiosidade e da história que demarca a região onde fora instalada a Santa Cruz da Alma dos Enforcados no século XIX:

⁴ Pintor, desenhista e professor paulista. Iniciou sua formação artística no Rio de Janeiro, na Escola Nacional de Belas Artes. Não demorou para seguir seu próprio caminho, optando pela pintura moderna. Expondo seus trabalhos desde meados dos anos 30, projetou-se como artista moderno no final da década de 30. Além de ser artista plástico, dedicou-se também ao magistério, em São Paulo, ensinando desenho e pintura, principalmente a técnica da aquarela, uma de suas especialidades. (Cf. Nelson [...], c2001-2024).

Largo da Liberdade na Capital de São Paulo
Largo da morte e da justiça.
Justiça já não há. Penso que não. Há a cobiça,
O erro, a inveja, a ingratidão, a falcatrua,
– Largo da Liberdade! Noite. Ao alto, a lua,
Um pouco na poeira da neblina
Mas em que a estrela da manhã respira
Nos brilhos de uma lâmina divina!
Justiça, nunca houve, creio eu e, crê, também,
Aquele que tentasse vê-la, um dia –
Num tribunal, na praça pública, – sorria...

Nesse largo de típica moldura,
Ao centro vê-se a estátua de Feijó,
'Lembrança da Nação', – de pé, boa figura,
Um preito de louvor e devoção,
Protesto contra tudo que é rotina,
Cáfila, prisão sem ar e sem medida,
E a falta de respeito pela vida.
O ódio, a falsidade, a tirania,
Cinismo, raiva, os ermos sem ninguém...
E os que morreram todos, mais além,
Para lá, para lá do nosso olhar?
Mas, aqui não se chora, é proibido.
O paulista jamais deve chorar
Que não resolve nada e nada faz.
Silêncio de uma luz é mais capaz
De traduzir o quanto não se diz.

Brasil, – Talvez te chamem cicatriz
Daquilo que fizeste injustamente?
E quem foi? Sim: quem foi essa malvada gente
Que levantou a forca e apertou
Tanta garganta inocente?

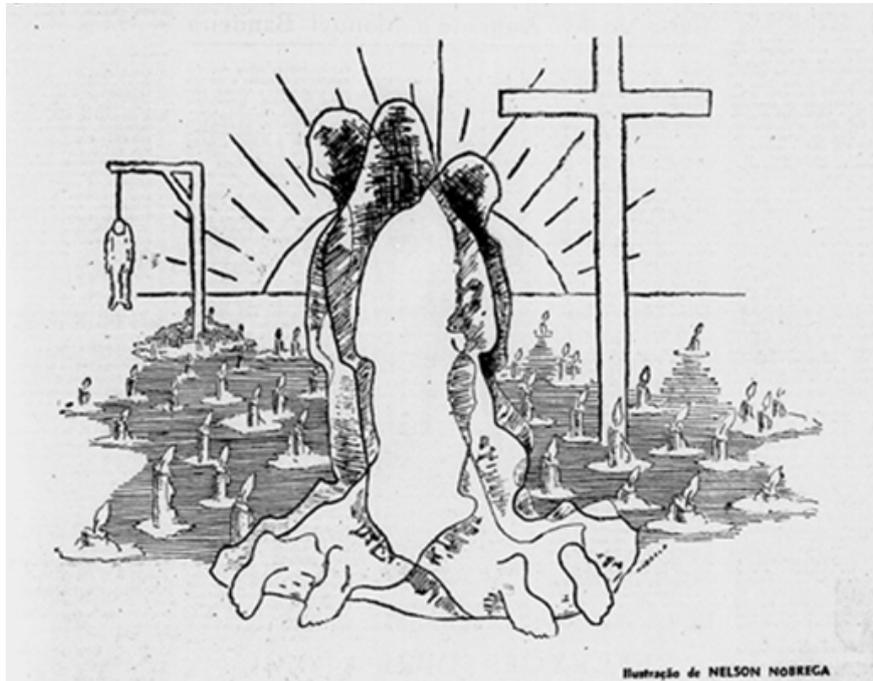
Lá está no largo a capelinha
De Santa Cruz dos Enforcados
Ali, no mesmo lugar
Em que era o pelourinho,
– Toda de preto, chamuscada
Pela chama das velas que vão pôr
Enchendo os degraus da entrada,
Centenas delas acesas!,
Mais de centenas, milhares!,
– Clarão de incêndio na sombra
A iluminar os olhares
Dos que rezam pelas almas
Na certeza de as ouvir
Falar na linguagem secreta da fala sobrenatural.
Linda página do povo,
Tão viva e tão atual!

A cera derretida nas escadas
São lágrimas a cair
Da infalível teimosia
De visita semanal.

E sempre à segunda-feira
Essa ramagem de Poesia
Vai aumentar sem o guizalhar dos ais...

– Como ressurge a fé, Senhor!, cada vez mais! (Botto, 1950, p. 13).

Fig. 1 – Ilustração de Nelson Nóbrega para o poema “Brasil”, de António Botto.



Fonte: Nobrega (1950, p. 13).

No poema, percebemos a ação de um sujeito poético que contempla a paisagem urbana e atenta aos signos que remontam ao passado obscuro que marcou a região, sobretudo na ação da força pública e das possíveis injustiças cometidas, evocando significados e simbologias apreendidos pelo contato com certos imaginários coletivos que atravessam a Praça da Liberdade, antigo palco de horror e barbárie a céu aberto. Desse modo, Botto busca compreender o lugar por aquilo que ele oculta, pelo que relega, pelo que escamoteia, realçando os devãos, as presenças e as ausências que são como que “resíduos varridos para debaixo do tapete vistoso da paisagem urbana” (Svecenko, 2004, p. 19). O poeta remete à história da localidade e à forma como parece ler aquela narrativa, permeada de apagamentos, como uma síntese da formação brasileira e de certas práticas que ainda perderam no presente, principalmente a exploração e a injustiça contra as camadas populares. As diversas violências inscritas naquele espaço urbano, algo que seria mais severamente ocultado pelo esforço fu-

turo de orientalização do bairro, mas que ainda é um ponto perceptível nos anos cinquenta, aparecem nos versos do poeta, revelando o processo interligado de memória e de esquecimento, lembrando-nos que falar acerca do esquecido é dar a oportunidade de rememorar o esquecido.

O filósofo e historiador da arte Georges Didi-Huberman afirma que, diante de uma dada imagem, estamos diante do tempo, ou seja, frente a um objeto histórico complexo, atravessado por diferentes plasticidades e fraturas, ritmos e embates, do qual o presente nunca cessa de ser reconfigurado, afinal está em constante modificação, conforme as experiências contemporâneas. Segundo o autor, em cada objeto histórico, todos os tempos se encontram e entram em colisão, perdendo-se plasticamente uns nos outros, bifurcando-se e confundindo-se uns nos outros (Didi-Huberman, 2015, p. 40). No poema de Botto, o sujeito poético depara-se com a singela imagem de uma paisagem paulistana, um ponto de vista que mira alguns monumentos que trazem consigo o que sobreviveu de um passado construído na dor e na exploração contra os desafortunados e os marginais, elemento reverberante ainda nas várias dobras da memória social brasileira.

Segundo Sevcenko, a Liberdade sempre foi “o espaço maldito da cidade”, onde foi instalado tudo o que era necessário ao andamento da vida urbana, mas era considerado indesejado, perigoso, espúrio. Uma destas instituições era a força pública localizada num monte saliente, conhecido pelo nome sombrio de Morro da Força, onde ficava o Pelourinho, o Largo da Força. O ambiente fora escolhido por ser visível de praticamente todos os quadrantes da cidade, expondo, assim, cruamente a todas as pessoas a força da justiça de Sua Majestade Imperial pairando sobre todos os súditos e servindo de exemplo aos insubordinados, sobretudo os escravizados rebeldes e fugitivos. A poucos metros do Morro da Força, estendia-se o Cemitério dos

Aflitos, o primeiro cemitério público da cidade, destinado ao enterro dos condenados, dos indigentes e dos soldados. Era o cemitério dos anônimos, dos desprezíveis e dos indignos, dentre eles as pessoas escravizadas. Como, dentre os escravizados africanos, a tradição religiosa se concentra no culto dos antepassados, toda a região, ao redor da forca e do cemitério, cercou-se de uma forte aura sagrada. Daí o hábito de fincar cruzeiros e acender velas naquele espaço, de onde derivaria a Santa Cruz dos Enforcados, local que permitiu a criação de uma tradição lendária a respeito desse monumento crucial na história da cidade, que deve ser redimensionada em função da sacralidade intrínseca adquirida com o passar dos anos (Svecenko, 2004, p. 21). Multidões acorriam para cultuar o que passou a ser chamado de a Santa Cruz dos Enforcados, local que ganharia uma capela, finalizada em 1917, aquela a que o poeta contempla e presencia o sentimento popular ainda em vigor no instante da escrita do seu texto. Ainda nos tempos atuais, ao longo da semana, mas sobretudo às segundas-feiras, como indica Botto no seu texto, continuam a ser celebrados rituais com velas, flores e pipocas dedicadas às almas e ao culto da ancestralidade que demarca a região, especialmente da comunidade negra.

Ao ler hoje o poema, é interessante atentarmos ao fato de Botto registrar uma antiga Praça da Liberdade que já não existe mais, retratando monumentos que foram deslocados, apagados da memória coletiva, como a estátua do Regente Diogo Antônio Feijó⁵

⁵ Padre Diogo Antônio Feijó foi figura importante durante o Período Regencial (1831-1840) no Brasil, sendo o Primeiro Regente Uno e o primeiro chefe do poder Executivo eleito pelos cidadãos do Império. Homem polêmico, lutou por profundas reformas no Estado: contra o celibato clerical e contra a concentração de poder na Corte. Geralmente foi lido como um político inábil, embora tenha experimentado ascensão política meteórica entre 1826 e 1835 (Bragança, 2018).

– “Lembrança da Nação” –, instalada atualmente numa escola pública de Itu, cidade do interior de São Paulo, descaracterizada do projeto original, de maior arroubo e imponência⁶. O monumento que começou a ser construído em 1908 e foi inaugurado em 1913, para confirmar a grandiosidade paulista e a veia republicana, alegoria da Justiça e da República, durante a efeméride de setenta anos da morte do político, foi demolido na década de 1970 para a construção do metrô que corta a cidade, no momento da construção da estação Praça da Liberdade.

Fig. 2 – Monumento ao Regente Feijó, em foto de Sebastião de Assis Ferreira



Fonte: Ferreira ((19--)).

⁶ Cf. Roedel (2023).

Cabe destacar que a já citada Capela da Santa Cruz das Almas dos Enforcados, observada por Botto, também já não é mais a mesma vista por ele, pois, em 1958, deu-se início à construção da torre e das configurações atuais do edifício, modificado algumas vezes desde sua fundação. Assim, ainda que de maneira involuntária, o poeta ajudou a resguardar algumas ruínas e apagamentos da cidade no texto poético, conservando certos lugares de memória praticamente esquecidos no presente, ou sensivelmente alterados em comparação à primeira metade do século XX. Num movimento arqueológico, o poema prestou-se a funcionar como um repositório de despojos, resguardando fragmentos do passado escamoteados pela passagem do tempo e pela modernização da cidade. Afinal, a imagem da praça presente no poema transformou-se radicalmente conforme as reatualizações constantes da metrópole. Laís Guimarães, ao narrar a história da Liberdade na década de 1970, já apontava as diversas transformações ocorridas no bairro, não apenas na praça, apontando a desfiguração da região, mediante as reescritas do tecido urbano:

o velho Largo 7 de Setembro se transformou; a Praça Almeida Júnior foi absorvida pela radial Leste-Oeste e o Largo da Pólvora foi retalhado, presentemente reformado em área restrita. Apenas a Praça da Liberdade apresenta um pequeno jardim que abriga uma das mais movimentadas estações metroviárias, que é a “Estação Liberdade”. Completamente mudada, centro da comunidade oriental hoje sediada no bairro, aos domingos é cenário da Feira de Artesanato Oriental. Numa de suas laterais, a Igreja das Almas dos Enforcados já não apresenta mais aqueles pátios nus de outra (Guimarães, 1979, p. 89).

Fig. 3 – Modificações da Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados ao longo da história.



Fonte: Loureiro (2019).

Apesar das diferenças sutis entre as versões do poema, o mote central permanece o mesmo, apenas ocorrendo a inserção de versos que estendem algumas das passagens da versão original, bem como a supressão de certas expressões, a mudança de certas palavras para sinônimos ou alterações na pontuação. As duas versões posteriores substituem o “paulista” do verso “Mas, aqui não se chora, é proibido. / O paulista jamais deve chorar / Que não resolve nada e nada faz”, por “brasileiro”, tornando mais evidente a aproximação da história da Liberdade com a própria história do Brasil, onde o passado colonial atravessa muitos dos espaços, mas é apagado ou suavizado, assim como a atitude resiliente do povo brasileiro. Inclusive, a resiliência é elemento algumas vezes realçado nos poemas do período de Botto sobre o Brasil, perplexo pela passividade dos brasileiros frente aos problemas políticos e sociais que assolam a nação. No “Cântico da Alma Brasileira”, em tom ufanista, o poeta adiciona uma longa estrofe final ao poema, realçando um futuro esperançoso ao país, na possibilidade de esse tornar-se “o maior império do mundo”:

(...)

Como ressurge a esperança cada vez mais
 No amanhã vitorioso e forte
 Em que esta formidável América do Sul
 Matematicamente organizada
 Por vários estadistas que vão aparecer,
 Ficará na posição de ser o maior império do mundo,
 – A paixão da humanidade
 Na disciplina modelar de tudo saber fazer,
 Tendo apenas que amar e trabalhar
 Para subir e vencer.
 Povo amigo, sacrificado e viril,
 Grito, comigo:
 – Viva o Brasil! (Botto, 2018 [1955], p. 656).

“Poema do Brasil”, a versão de 1953, publicada na revista *Ilustração Brasileira*, traz como diferencial versos de exaltação ao empreendimento português de dar corpo ao que viria ser o Brasil, o elogio às suas belezas naturais, bem como a boa receptividade dos brasileiros aos estrangeiros. Este último aspecto delineia bem o acento declamatório exacerbado de Botto, atitude que seria usual nos textos dedicados ao país que escolhera para viver o seu exílio voluntário, afinal era geralmente considerado por ele como uma terra de oportunidades para os “desprezados”, lugar que recorrentemente tomava para si em diversos textos do período. Entretanto, o aspecto laudatório expõe também as contradições do autor, pois o poema, em sua quase totalidade, exclama mais as fissuras do que os pontos positivos, revelando um entendimento dicotômico sobre tal herança colonial, relativizando os conflitos inscritos na história:

[...]

Brasil, Brasil que és demasiado
Para quem se procura desprezado
E que, afinal, não sabe agradecer-te
Da imensa riqueza que dás a qualquer um
Os benefícios espantosos e profundos. Depois,
Até inventam ofensas e te chamam cicatriz de reações
Que te obrigam a fazer injustamente.
E quem foi, podes dizer-me, – quem foi essa malvada gente
Que levantou a força e apertou tanta garganta inocente?

Portugueses te deram existência
Na descoberta redentora de um país
Que a natureza caprichou em guarnecer
De tudo quanto o homem quer ou quis.
Reconhecer e amar para criar em fraternal e límpida beleza,
Porque,
Sem essa graça,
Medram e nascem as misérias,
A falta de virtude e essas baixezas próprias de viver à luz do dia,
Quando o Sol arrebenta na grandeza
De um poema sublime de harmonia (Botto, 1953, p. 15).

Além disso, a última estrofe do poema ainda adiciona a imagem do Corcovado, um dos pontos turísticos mais conhecidos do Brasil, realçando tanto o caráter religioso do poema, quanto a extensão daqueles eventos retratados nos versos como sendo a metonímia da história brasileira. Inclusive, o poema foi publicado na página do periódico acompanhado de uma ilustração do Cristo Redentor, aspecto que destoa do texto poético que tem como principal elemento uma paisagem paulistana, mas que realçava seu pendor católico, elemento fundante do estilo adotado pelo escritor na fase tardia de escrita:

[...]

E sempre à segunda-feira essa romagem de Poesia
 Vai ressurgindo, na fé de um Amanhã vitorioso e forte,
 Para que o mundo seja só o Brasil:
 Onde as palavras “ambição e crime”
 Deixem de ter qualquer significado,
 Porque só Ele tem na cor da altura
 A figura de Deus no Corcovado (Botto, 1953, p. 15).

As modificações do nome do Largo da Pólvora, passando para Largo da Força, Praça da Liberdade e, recentemente, para Praça da Liberdade-Japão e Praça Liberdade-África-Japão demonstram as transformações que compuseram a localidade em pouco mais de dois séculos. O Bairro da Liberdade, que foi transformado em área de caracterização exótica e destinação turística, por sua frequente associação com os países asiáticos, principalmente o Japão, atualmente é valorizado e resguardado pelo esmagador processo de especulação imobiliária que marca os grandes centros urbanos contemporâneos. No entanto, a cidade, como um grande centro de disputas e diálogos, também é marcada por grupos que reivindicam o pertencimento, apesar dos vigentes mecanismos de silenciamento e de apagamento. Ou seja, se, por tantos anos, ficaram marginalizados e obliterados pelas grandes narrativas dos agentes que detêm o poder, tais segmentos sociais colocaram em marchas ações que buscam compreender a cidade por aquilo que ela oculta, relega e escamoteia, afinal ainda encontra reverberação em alguma memória social, mesmo que esta repouse de maneira marginal em relação às narrativas oficiais.

Desse modo, o poema de Botto aqui comentado ajuda-nos a refletir sobre as diversas temporalidades dos lugares e em como os lugares de memória são instâncias repletas de histórias que podem ficar excluídas ou renegadas da memória coletiva, precisando de constantes reatualizações e reafirmações para serem lembradas. Além disso,

mostra-nos como a literatura pode servir também enquanto um potente suporte no resguardo e manutenção para que determinadas histórias não caiam no abismo do esquecimento, ao permitir um acesso mediado ao passado através de um manancial informativo e documental precioso para o discurso histórico e para a construção da memória social.

RECEBIDO: 28/12/2023

APROVADO: 14/02/2024

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Bairro da Liberdade ganha estátua da sambista Madrinha Eunice. *Veja São Paulo*, São Paulo, 05 abr. 2022. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/bairro-da-liberdade-ganha-estatua-da-sambista-madrinha-eunice>. Acesso em: 15 fev. 2024.

BOTTO, António. Brasil. *Letras e Artes* (Suplemento Literário de *A Manhã*), Rio de Janeiro, p. 13, 16 abr. 1950.

BOTTO, António. Poema do Brasil. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 213, p. 15, jan. 1953.

BOTTO, António. *Poesia*. 1. ed. Lisboa: Assírio Alvim, 2018.

BRAGANÇA, Rafael de Oliveira. *Um Padre na monarquia sem Rei: a trajetória política de Diogo Antônio Feijó (1891-1835)*. 2018. 121p. Dissertação. (Mestrado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

DIDI-HUBERMAN, George. *Diante do Tempo: História da Arte e anacronismo das imagens*. 1. ed. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2015.

EDUCAÇÃO E TERRITÓRIO. Liberdade-África-Japão: mudança do nome de praça resgata memória negra de SP. *Educação e Território*, São Paulo, 02 jun. 2023. Disponível em: <https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/liberdade-africa-japao-mudanca-do-nome-de-praca-resgata-memoria-negra-de-sp/>. Acesso em: 15 fev. 2024.

FERREIRA, Sebastião de Assis. [Sem título]. [19--]. 1 foto presente no Acervo da Biblioteca Mário de Andrade. Disponível em: <https://sampahistorica.wordpress.com/2016/02/13/o-monumento-do-regente-feijo/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

GUIMARÃES, Laís. *Liberdade*. Coleção História dos Bairros de São Paulo, v. 16. São Paulo: Departamento do Patrimônio de Histórico do Município de São Paulo, 1979.

LOUREIRO, Edison. [Sem título]. 2019. 1 montagem de fotos feita pelo autor do artigo. Disponível em: <https://saopaulopassado.wordpress.com/2019/12/16/a-capela-dos-enforcados-historia-tradicao-e-lendas/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

MACHADO, Lívia. Praça e estação Liberdade do Metrô de SP ganham ‘Japão’ no nome e alteração gera críticas nas redes sociais. *G1*, São Paulo, 06 ago. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/08/01/praca-e-estacao-liberdade-do-metro-de-sp-ganham-japao-no-nome-e-alteracao-gera-criticas-nas-redes-sociais.ghtml>. Acesso em: 15 fev. 2024.

NELSON Nóbrega. In: Enciclopédia Itaú Cultural, São Paulo, c2001-2024. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10006/nelson-nobrega>. Acesso em 15 fev. 2024.

NOBREGA, Nelson. [Sem título]. Rio de Janeiro, 16 abr. 1950. 1 ilustração presente no jornal *A Manhã*, p. 13.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dezembro 1993.

PAIVA, Odair da Cruz. Da Glória à Liberdade: a memória em disputa num território paulistano. In: XXV Encontro Estadual de História da ANPUH-SP, 2020, São Paulo. *Anais Eletrônicos do XXV Encontro Estadual de História da ANPUH-SP: História, Desigualdades e Diferenças*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2020, v.1, p. 1-14.

ROEDEL, André. Estátua de Regente Feijó deverá ser doada em definitivo. *Periscópio: Jornal do Povo Online*. Itu, 01 abr. 2023. Disponível em: <http://jornalperiscopio.com.br/site/estatua-de-regente-feijo-devera-ser-doadada-em-definitivo/>. Acesso em: 15 fev. 2024.

SEVCENKO, Nicolau. A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista. *Revista USP*, n. 63, p. 16-35, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13365>. Acesso em: 02 set. 2023.

SOUZA, Bruna Miyazaki. *Memórias da Liberdade: Uma análise das transformações no bairro da Liberdade, em São Paulo a partir da renomeação da estação de metrô para “Japão-Liberdade”*. 2020. 66p.

Monografia (Bacharel em Museologia) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2020.

MINICURRÍCULO

OSCAR JOSÉ DE PAULA NETO é Doutorando em Literatura Comparada no Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense. Bolsista de Doutorado Nota 10 da FAPERJ. Integrante do Polo de Pesquisas Luso-brasileiras (PPLB) do Real Gabinete Português de Leitura.